

Proposta 2

Você se encontra em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica que o deixa mais exposto à infecção pelo vírus da Covid-19 e se sente indignado/a com a negligência do Estado, que não adota medidas sérias e eficazes para evitar que você e outros/as trabalhadores/as corram esse risco. Em um ato de resistência psíquica e política, você decide escrever um **diário** para registrar o seu testemunho dos acontecimentos extraordinários da pandemia da Covid-19 para que as gerações futuras possam entender como as decisões políticas de um dado momento são determinantes para a história da humanidade.

Escreva um texto de entrada para o seu diário, no qual você deve **a) narrar** um episódio em que você corre o risco de contrair a Covid-19 em razão de seu trabalho e; **b) denunciar**, a partir desse episódio, a *necropolítica* como forma de organização de um Estado negligente em relação à saúde dos mais vulneráveis. Lembre-se de que seu diário servirá de testemunho para que seus descendentes tomem conhecimento do exercício da *necropolítica* que marcou a pandemia da Covid-19. Para escrever seu texto, leve em conta a coletânea apresentada a seguir.

Diário é um gênero textual, geralmente de caráter íntimo, em que se fazem anotações de experiências pessoais cotidianas, e que é organizado pela data de registro dessas anotações. Alguns diários podem ultrapassar o interesse privado do seu autor e interessar a outros possíveis leitores, seja pela pertinência das reflexões pessoais, seja por documentar uma época histórica.

1. *Necropolítica* é um conceito desenvolvido pelo filósofo Achille Mbembe que questiona os limites da soberania quando o Estado, baseado em premissas coloniais, racistas e capitalistas, escolhe quem deve viver e quem deve morrer (...). Segundo a pesquisadora Rosane Borges, racismo, capitalismo e *necropolítica* são inseparáveis. Um sustenta o outro. Aquilo que o capitalismo acha que não serve mais, ele abate, porque são corpos negros. O que se faz com a massa sobrando do mercado de trabalho? O que se faz com o contingente de pessoas que não são absorvidas pelas novas competências técnicas e tecnológicas do capitalismo? Se mata, se exclui. Obviamente que essa mesma massa sobrando são corpos negros, mulheres negras, que foram fundamentais para a acumulação de capital. Corpos que foram escravizados e que hoje não interessam mais para o capital. São pessoas que estão vivendo nas franjas do sistema social, marginalizadas. Nesse processo de marginalização, a gente cria linhas divisórias entre nós e os outros. E esses outros podem ser alvo de tudo. Inclusive da morte. (Adaptado de O que é *necropolítica*. Disponível em <https://ponte.org/o-que-e-necropolítica-e-como-se-aplica-a-segurança-pública-no-brasil/>. Acessado em 15/01/2021.)

2. Quais são as consequências dessa pandemia no que diz respeito à reflexão sobre igualdade, interdependência global e nossas obrigações uns com os outros? O vírus não discrimina. Poderíamos dizer que ele nos trata com igualdade, nos colocando igualmente diante do risco de adoecer, perder alguém próximo e de viver em um mundo marcado por uma ameaça iminente. A desigualdade social e econômica garantirá a discriminação do vírus. O vírus por si só não discrimina, mas nós, humanos, certamente o fazemos, moldados e movidos como somos pelos poderes casados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo. Quais mortes chorar? Parece provável que passaremos a ver um cenário doloroso no qual algumas criaturas humanas afirmam seu direito de viver a custo de outras, reinscrevendo a distinção espúria entre vidas passíveis de luto e aquelas não passíveis de luto, isto é, entre aqueles que devem ser protegidos contra a morte a qualquer custo e aqueles cujas vidas não valeriam o bastante para serem salvaguardadas contra a doença e a morte. (Adaptado de Judith Butler, O capitalismo tem seus limites. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2020/03/judith-butler-sobre-a-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>. Acessado em 08/09/2020.)

3.



(Adaptado de Pedro Conforte / Plantão Enfoque. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br>. Acessado em 28/09/2020.)

4.



(Adaptado de Confinada. Roteiro de Triscila Oliveira e Ilustração de Leandro Assis. Disponível em @leandro_assis_ilustra. (Instagram). Acessado em 14/12/2020.)

5. O chefe de governo negou a gravidade do problema, insultou os coveiros, promoveu aglomerações e espalhou desinformação sobre o distanciamento, a higienização e o uso de máscara. Jogou com a vida dos que acreditaram em um remédio inócuo, a cloroquina, e nisso comprometeu o Exército e o SUS. Desmoralizou os médicos Ministros da Saúde, ignorou medidas que inibiam a evolução da doença e deixou mofar milhões de testes que ajudariam a salvar vidas. Após atribuir poderes políticos às vacinas, o governo federal se dedica agora, negando uma cultura de cem anos, a minar a confiança nelas. Por ele, a pandemia nunca será superada. (Adaptado de Ruy Castro, Os médicos sobre Bolsonaro. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2020/12/os-medicos-sobre-bolsonaro.shtml>. Acessado em 14/12/2020.)

COMENTÁRIO

A segunda proposta de redação pedia que o candidato assumisse a personalidade de um(a) cidadão(ã) em situação de vulnerabilidade socioeconômica e, portanto, exposto à contaminação do vírus da Covid-19, e que se sente indignado com a negligência do Estado com relação às medidas restritivas de circulação e de proteção contra a contaminação e que decide escrever um diário em que acontecimentos extraordinários da pandemia fossem registrados para que as gerações futuras possam compreender a influência de decisões políticas para a história da humanidade.

O texto solicitado foi definido pela Banca como o **texto de entrada para o diário**, em que o enunciador relata **uma circunstância em que ficou exposto ao risco de contaminação em função do trabalho** e também **uma denúncia de como o mesmo episódio pode exemplificar a prática da necropolítica** como forma de organização de um Estado negligente em relação à saúde dos mais vulneráveis.

Foram cinco os fragmentos selecionados como coletânea para a proposta e foi oferecida também uma pequena explicação sobre o gênero em que se classifica o diário como um registro de caráter íntimo, mas que pode também gerar interesse em leitores de outras épocas por funcionar como um documento de um período histórico.

O primeiro texto da coletânea traz uma definição do conceito de necropolítica, desenvolvido por Achille Mbembe, em que a morte e a exclusão de determinados grupos étnico-sociais em função do desenvolvimento do capitalismo. O texto 2 propõe uma reflexão acerca das consequências da pandemia para que a sociedade reflita sobre igualdade e também das obrigações que temos uns com os outros. O texto 3 é uma imagem fotográfica em que um homem praticando esportes divide a calçada com um entregador de bicicleta, ambos de máscara, porém, em situações bem diferentes. O quarto texto é um fragmento de uma história em quadrinhos em que empregadas domésticas, com e sem carteira assinada, são obrigadas a trabalhar durante a pandemia e, no transporte público, comentam sobre a atitude dos patrões. O quinto texto é um fragmento de Ruy Castro em que as atitudes do presidente Jair Bolsonaro de desrespeito e negacionismo frente à pandemia são listadas e as terríveis consequências da política praticada pelos governantes.

O texto final precisaria marcar com clareza a adoção do gênero “diário”, com o uso obrigatório da primeira pessoa do singular. É importante destacar que o texto solicitado não é o diário em si, mas sim uma pequena explicação de abertura do trabalho. Também é fundamental a menção à necropolítica e uma breve reflexão sobre a importância que o trabalho poderia assumir para futuras gerações de leitores.